

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências -
Bauru



BRUNO DE SALES VIEIRA

**“É MAIS DIFÍCIL SER MENINA”: UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE
ESTUDANTES COM O FUTSAL FEMININO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Bauru
2019



BRUNO DE SALES VIEIRA

**“É MAIS DIFÍCIL SER MENINA”: UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE
ESTUDANTES COM O FUTSAL FEMININO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Aparecida Corrêa

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de Ciências da
Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho” – Campus de Bauru –
Curso de Educação Física

Bauru
2019

Assinatura do(a) aluno(a)

Assinatura do(a) orientador(a)

Dedico este trabalho ao meu pai, pois gostaria que estivesse presente neste momento importante de minha vida, a minha querida mãe e meus irmãos, por me darem força e energia durante toda a graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus por ter me fortalecido em dias que eu tinha perdido todas as forças físicas, mentais e espirituais.

À minha mãe Ana Paula que jamais me abandonou, me incentivou, me deu atenção e amor, me deu o apoio e suporte que eu precisava e nos momentos que eu mais precisei durante toda a graduação, sem ela eu não teria conseguido concluir essa etapa de minha vida.

Aos meus irmãos Lucas e Pablo que me incentivaram e me colocaram pra cima sempre que precisei, com boas risadas e palavras de incentivo.

Ao amigo Lucas Gaviolla, uma das pessoas mais sensacionais e completas que eu ganhei nesses anos de Unesp, pessoa com quem aprendi muito durante essa etapa, compartilhamos de momentos que jamais serão esquecidos em nossas memórias, como nosso estágio ao Sport Clube Corinthians Paulista, pessoa que tem a minha total admiração. Ao Igor Morisugi, amigo que me fez melhor dia após dia com boas risadas e conversas. À minha amiga Julia Almeida, por todas as nossas conversas neste ano de 2020, onde com suas palavras conseguia me deixar mais confortável e seguro para prosseguir. A Rafaella Mastroianni, pela amizade que tivemos durante esses anos e por se fazer presente em muitos momentos da minha vida, tive o privilégio de conhecer e sentir a energia que você transmite. Aos meus amigos da minha cidade de Cerqueira César que estão comigo desde a infância e compartilhamos todos os momentos juntos, sejam eles bons ou ruins: Marcella Laureano, Vitória Minossi, Rodolfo Dias e William Vinícius, amigos de longa data e mesmo longe se fizeram presente.

Ao professor de educação física Sandro Sandri da Escola Nilza Maria Santarém Paschoal, por ter aceitado o meu pedido de realizar o projeto de TCC em suas ACD de futsal com as alunas e pelos momentos de diálogos, onde aprendi muito com suas falas e atitudes, pessoa de um caráter e uma índole de causar inveja. As professoras Ana Lúcia e Isabela por se disponibilizarem a oferecer caronas todas as quartas-feiras e sextas-feiras. À todas as alunas que participaram do TCC, onde eu tenho uma admiração gigantesca por todas elas, pela história de vida, por serem tão

resilientes e adoráveis, os encontros com elas nas aulas pra mim foi enriquecedor. Sem as suas histórias e falas compartilhadas, nada disso seria possível.

A Prof^a. Dr^a. Denise Aparecida Corrêa, pessoa que me orientou, que deu vida para esse projeto, quem acreditou em mim e ofereceu todo o suporte que eu precisava, seja ele acadêmico e pessoal, pelas reuniões com diálogos onde me davam direcionamento. Obrigado Denise, pelo comprometimento e por ter acreditado em mim, pelos abraços em cada final de reunião, onde eles me deixavam mais tranquilo e energizado (talvez você não sabia disso, até então) para continuar sonhando com um projeto que eu me dediquei. Serei eternamente grato.

Agradeço aos funcionários da biblioteca por serem meus amigos nesta etapa importante da graduação, agradeço aos nossos professores que lutam pela educação de qualidade da Universidade Pública, que nos fazem crescer como profissionais e principalmente como pessoas. Agradeço ao funcionário da DTI da FAAC Lázaro Lascas Jr pela ajuda na finalização.

Meus sinceros agradecimentos a todos, vocês me fizeram crescer em todas as dimensões.

RESUMO

As mulheres ao longo de toda a história, voltada para a modalidade desportiva futebol/futsal, sofreram preconceitos e proibições que as impossibilitaram de realizar a prática. Diante de um cenário culturalmente e historicamente masculinizado, as práticas esportivas eram destinadas aos homens, no qual o discurso mais utilizado era de que o esporte era mais agressivo e utilizava a força, com isso a mulher não poderia participar, pois acabaria machucando e que a mesma deveria se privar da prática, pois eram vista como o sexo frágil. Através do esporte as mulheres conseguiram o seu empoderamento e, com isso, conseguiram quebrar alguns tabus dentro do esporte, como o direito de assistir os jogos e até ser praticante da modalidade. Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar e compreender as motivações que levam as meninas de uma Escola Pública a frequentarem as ACD de futsal. Participaram do estudo treze meninas com idade entre onze e treze anos de idade em um período de quatro meses de uma turma da modalidade futsal na ACD. Como estratégias metodológicas foram utilizados registros escritos em formato de notas de campo, um questionário para delineamento do perfil das participantes da pesquisa e uma entrevista semi-estruturada com as estudantes. Através das entrevistas foram encontrados três categorias que se destacaram: “eu amo jogar bola e eu quero aprender um pouco mais do que eu sei”, “é mais difícil ser menina” e “ele acha que a gente é frágil, mas a gente é forte, muito forte”. Portanto, através desta pesquisa se conclui que a não aceitação da prática vem da sociedade como um todo, inclusive dentro do próprio lar, mesmo com a crescente onda do futebol feminino no Brasil os atos de preconceito ainda acontecem e podem vir de qualquer grupo social da sociedade. A resiliência é um ingrediente que nutre os sonhos das meninas e as mantém na prática desportiva.

Palavras-chave: Futsal Feminino. Relações de Gênero. Escola.

ABSTRACT

Women, throughout the history of football/futsal, have been experiencing discrimination and prohibitions which unable them to play the sport. Embedded in a culturally and historically masculinized scenario, sports were mainly played by men, women were told they couldn't play because it required strength and aggressiveness and they could hurt themselves. They were seen as the fair sex. Through sports women empowered themselves and got over some taboos inside the sport, like the right to watch games and even practice it. Thus, the objective of this research was analyze and comprehend the motivations of girls from a public school who attend to futsal practice. Thirteen girls participated and were between 11 and 13 years old in a period of 4 months. The strategy employed were written records in form of field notes, a quiz to delineate their profile and a semi-structured interview with the students. Through the interview three main categories were found: "I love playing futsal and I want to learn a little more", "it's harder being a girl" and "he thinks we're weak, but we're strong, very strong". Therefore, through this research we can conclude that the non acceptance comes from the society as a whole, including inside their own homes, even with the increasing popularity of women's football the discrimination still happens and could come from any social group in society. Resilience is a key ingredient that keep dreams and the sport's practice alive.

Keywords: Women's futsal, Gender relations, School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CAPÍTULO 1: AS MULHERES NO FUTSAL: UM RESTROSPECTO DE LUTA HISTÓRICA	15
2.1 As mulheres no esporte	15
2.2 A participação da mulher brasileira no Futebol e no Futsal	18
3. CAPÍTULO 2: O FUTSAL NO CONTEXTO ESCOLAR: A PARTICIPAÇÃO FEMININA EM JOGO	25
3.1: Futsal feminino na Escola: um olhar para as questões de gênero	25
4. CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
Quadro 1. Perfil das participantes do estudo.....	30
5. CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	31
A) “Eu amo jogar bola e eu quero aprender um pouco mais do que eu sei”	32
B) “É mais difícil ser menina”	36
C) “Ele acha que a gente é frágil, mas a gente é forte, muito forte!”	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50
ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	55
ANEXO 2 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	56
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	57
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	58

1. INTRODUÇÃO

Ao longo desses meus 24 anos eu sempre tive uma maior aproximação por modalidades que fossem jogadas com a bola nos pés, o futebol e o futsal, modalidades muito semelhantes. É paixão nacional e também pessoal. Ingressando na Universidade em 2015, logo entrei no projeto de extensão “Futebol Escola”, coordenado pelo professor Júlio Wilson dos Santos.

Através deste importante projeto eu tive meu primeiro contato com uma menina jogando futebol, achei muito interessante, pois não tinha vivido essa experiência anteriormente, de estar vendo uma menina jogando futsal e eu estar observando. Nunca havia presenciado uma menina jogar futsal, nem mesmo nas aulas de Educação Física na Escola, até então eu tinha passado a minha vida inteira vendo homens jogando futebol.

Esse primeiro contato com menina jogando bola me despertou atenção e curiosidade. A minha relação com essa experiência foi ganhando corpo e me gerando dúvidas, como a do tipo: Porque só temos uma menina entre os mais de vinte meninos? Será que há mais meninas que jogam futsal e onde elas se encontram? A cada aula e eu fui conhecendo essa nova realidade pra mim, de ver menina jogando com menino e jogando muito bem.

Os anos da graduação foram passando e a relação com futebol sendo ainda mais fortalecida, realizei estágios em clubes da primeira divisão do Estado de São Paulo, como o Ituano e posteriormente o Corinthians, clube da Capital. Então sempre carregava a certeza que meu TCC precisaria estar relacionado com essas modalidades, pois me identificava bastante.

Após a divisão do curso e o aprofundamento na Licenciatura, fiquei instigado em relacionar algo que gosto com o ambiente escolar, lembro bem que na época estava lendo muito sobre as minorias no Brasil terem seus direitos, muita das vezes, deixados de lado e esquecidos, pois me identifico muito com esse pessoal porque a minha história de vida sempre foi assim, já passei inúmeras dificuldades.

Nesse percurso percebi que um tema importante poderia envolver a participação feminina no futsal na Escola e em um diálogo com a professora Denise, surgiu a ideia de investigar as experiências em turmas de Atividades Curriculares

Desportivas as ACD's na modalidade futsal feminino nas Escolas da Rede Pública Estadual e fazer o levantamento daquelas que possuíam tais turmas.

Neste sentido, investiguei a história do futebol e futsal feminino através da literatura e busquei compreender como as praticantes da modalidade estão inseridas e como se sentem motivadas, para conhecer e entender a sua relação com o desporto.

As aulas de Educação física reproduzem uma cultura sexista, de acordo com os estudos de gênero, sendo que a escola trabalha com um modelo masculino, contribuindo desta forma para a neutralização das meninas, reafirmando a redistribuição das diferenças, porque impede a re-criação por parte do sexo feminino (Costa, Silva et al apud JÚNIOR, DARIDO 2003).

Ao tratarmos da temática gênero não podemos deixar de salientar, que o conceito de gênero é uma construção cultural corporal que se dá com as experiências sociais, ele é montado socialmente e culturalmente, havendo a educação do corpo. Entendamos como educação traços e características e essa educação corpórea acontece em espaços como: igreja, escola, parque, clubes esportivos, universidades a presença nestes locais aumentam o contato com outros corpos, outras culturas e através dela a educação corporal, ou seja, ela vai se transformando ao longo do tempo, e, com isso, podemos dizer ou classificar em gênero masculino ou feminino. Já o conceito de sexo é designado para classificar de acordo com anatomia humana, como homem ou mulher (GOELLNER, 2010).

Assim tratar as diferenças de gênero como construção cultural nos possibilita compreender que não se trata de fragilidade biológica ou de menos aptidão para a prática esportiva e sim de padrões culturais que limitaram historicamente as experiências corporais das mulheres, particularmente aquelas que envolviam habilidades com bola. Não raro, ainda na infância, os brinquedos favoritos para as mulheres são as bonecas em detrimento das bolas e, conforme vão avançando para a segunda infância, isso fica ainda mais latente. Por isso que as vivências com bola, e principalmente aquelas praticadas com a bola no pé, são raras entre as crianças do gênero feminino.

Tais experiências foram construídas no meio familiar e também fora dele no espaço escolar que, muitas vezes, reproduz estereótipos de feminino e masculino, além de continuar perpetuando vivências corporais “permitidas” e “aceitas” para cada um dos gêneros.

Mesmo fora das aulas de Educação Física a Escola contribui para a gênero normatividade, essa normatividade impõe controle sobre os comportamentos, gestos, e também as características corporais das crianças, acabando sendo controladas corporalmente pela instituição. Isso não quer dizer que não exista um desconforto e rebeldia por parte de meninas e meninos (ALTMANN; UCHOGA 2016).

A não participação das meninas nas aulas esportivas por motivos biológicos da época, hoje por aspectos sociais e culturais, contribui para a exclusividade de visibilidade que meninos têm dentro do esporte. Um exemplo disso é o futebol, um esporte com uma construção cultural muito forte no qual os mais privilegiados são os meninos envolvendo, desde aspectos como incentivo, tanto por parte da mídia, família e amigos, até a aceitação. Os meninos que jogam futebol tem sempre uma questão de status, classificado como normal, mas quando os praticantes são do sexo feminino a realidade é muito diferente. Para Goellner (2005) existe uma relação íntima entre esporte e masculinização da mulher, complementando:

Considerando o papel pedagógico das práticas corporais e esportivas torna-se necessário colocar em suspeição discursos dessa ordem, afinal, o que significa “masculinização da mulher” num tempo onde as fronteiras entre os gêneros estão constantemente borradas? Que argumentos justificam tal “temor”? Se o esporte é um espaço que possibilita o exercício de sociabilidades por que determinadas modalidades, ao invés de serem incentivadas, são consideradas, mesmo no século XXI, como uma ameaça? (GOELLNER, 2005, p. 143).

A participação das mulheres em esportes nunca foi a mais aceitável. Em uma sociedade machista, sexista e conservadora o futebol acabou ganhando uma característica masculinizada, prevalecendo muito contato físico. Para as mulheres é cedido as arquibancadas, somente como torcedoras. (CEVA et al, 2014)

No Brasil a mulher teve a sua inserção no futebol tardia, pois em 1941 no Governo do presidente Getúlio Vargas surge o CND (Conselho Nacional de

Desportos) e com ele a implantação do Decreto-Lei 3.199 proibia a mulher de realizar práticas esportivas. Em 1965, no Governo Militar de Castelo Branco, o mesmo Decreto-Lei especifica as modalidades proibidas: a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball. O fim da lei aconteceu em 1979, atrasando a modalidade por quase 40 anos (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016).

Observando esse esboço histórico acerca das experiências do gênero feminino com o futebol permeado por proibições e pré concepções reducionistas, nos deparamos com um contexto conjuntural na atualidade em que, ainda prevalecendo pré-conceitos, observamos o interesse das meninas buscando espaços para a vivência de modalidades esportivas na escola, dentre as quais, o futsal. Ainda bastante evidente é a resiliência que as acompanham, pois para jogarem futebol, mesmo que tenham muita técnica e habilidade, é preciso ser resiliente para superar as discriminações, estereótipos e não abandonar a prática. (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016)

Nas escolas da Rede Pública Estadual, tais espaços de vivência são oportunizadas com as Atividades Curriculares Desportivas (ACDs) que acontecem fora das aulas de Educação Física.

Segundo Moraes (2017) as ACDs surgiram em 2001 com reestruturação das turmas de treinamento. Estes últimos eram mais excludentes, se voltavam mais para o esporte de alto rendimento, por isso a Secretaria da Educação de São Paulo acabou abolindo a proposta das turmas de treinamento e adotou as ACDs, aparecendo justamente fazer o contrário, ou seja, promover uma prática esportiva mais inclusiva e que contribuísse com a formação integral dos/as escolares.

Tal cenário nos instigou a seguinte questão de pesquisa: Como se dão as experiências de meninas ao praticarem futsal na escola? O que as motivam e quais as influências para iniciarem a prática esportiva?

Diante destes apontamentos, o presente estudo teve como objetivo investigar a participação das estudantes do gênero feminino nas Atividades Curriculares Desportivas (ACD's) de futsal e analisar como significam suas

experiências, compreendendo suas motivações e influências, bem como, as dificuldades e possibilidades de superação.

O texto se encontra se organizado onde, no primeiro capítulo, será apresentada uma breve história da mulher no esporte e sua luta histórica.

No segundo capítulo a atenção foi dada para o futsal no contexto escolar e a participação feminina em jogo, focando mais nas questões de gênero.

O terceiro capítulo explora a metodologia do trabalho, destacando a abordagem qualitativa, através de registros de campo, entrevista semi-estruturada e questionário com as alunas da ACD de futsal.

No quarto capítulo são apresentados os resultados da coleta, seguidamente de discussão

As considerações finais encerram o texto, sintetizando os três grupos de análise encontrados de acordo com as falas das participantes e a importância de se realizar mais estudos sobre ACDs

CAPÍTULO 1

2. AS MULHERES NO FUTSAL: UM RETROSPECTO DE LUTA HISTÓRICA

2.1 As mulheres no Esporte

Neste capítulo pretendemos realizar uma breve trajetória histórica da participação das mulheres no cenário esportivo buscando trazer a tona o percurso de lutas para a conquista do espaço da participação feminina no esporte mundial como uma realidade sociocultural na contemporaneidade.

Nos Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1896, as mulheres não poderiam ser atletas porque essa prática ia de encontro com sua natureza, os contatos físicos não eram compatíveis com a natureza feminina, pois era um espaço de muita virilidade e estava associada ao masculino, nesse instante ela deveria abrilhantar os Jogos e serem espectadoras desejadas. (MELO; RUBIO 2017).

Como afirmam Oliveira, Cherem e Tubino (2008):

Na primeira edição dos jogos modernos não houve a participação feminina devido alguns de seus idealizadores, serem defensores da não inclusão da mulher por achar que estas poderiam vulgarizar um ambiente cheio de honras e conquistas. Coubertin considerava os jogos local apropriado para representar a figura competitiva do homem, por relacioná-lo com as questões do uso da força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade, cabendo as mulheres somente coroar os vencedores não maculando os jogos com seu suor (p.119).

Embora sejam bastante prevalentes na história da mulher no esporte, os argumentos utilizados para a exclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos estarem pautados exclusivamente nos aspectos biológicos e fisiológicos, há autores que refutam e trazem outras análises acerca deste momento histórico:

Observa-se que este tema foi deturpado ao longo da história pelo desconhecimento de sua obra, inclusive com divulgação de temas polêmicos, nos quais citações usadas pelo Barão foram utilizadas fora do seu contexto histórico e cultural, contribuindo para uma dedução maliciosa, tornando-o um adversário do esporte feminino. Ao se verificar as ideias de Coubertin, fica claro que o Barão reconhecia o direito das mulheres a uma educação esportiva, inclusive competindo entre elas, porém fora da vista do público masculino, mais por razões de raízes antropológicas e culturais

do que fisiológicas. Sua ideia era, apenas reproduzir fielmente a estrutura Grega em seus valores e costumes na sociedade antiga, buscando que os jogos olímpicos fossem idênticos as competições gregas da antiguidade, participando, as mulheres, apenas como expectadoras nos primeiros jogos olímpicos da era moderna (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p. 119).

Uma das primeiras modalidades esportivas que a mulher teve inserção foi o tênis, nascido em 1873, praticado pela elite e pelos bissexuais, mas somente em 1884 foi que elas conseguiram disputas oficiais em Wimbledon, isso fez com que outras práticas também pudessem ser experimentadas, a bicicleta foi muito mais praticada pelas mulheres (CIDADE; ROCHA, 2003).

Em 1875 algumas mudanças sobre o que as mulheres não poderiam fazer acabaram sendo flexibilizadas e rompidas, mas estava voltada mais para a classe média, pois tinham mais afinidade com a burguesia, houve mudanças, mas com algumas limitações, elas conseguiram o direito de votar, o que isso era negado até então, conseguiram também a cultura universitária, a garantia de poder ter uma educação de nível superior. (CIDADE; ROCHA, 2003).

Apesar de sua não aceitação nos primeiros jogos, Stamati Revithi (mulher grega de origem pobre), posteriormente chamada de Melpomene, fez o percurso da maratona de maneira extra-oficial, no dia seguinte, percorrendo a última volta por fora do estádio, já que a entrada não lhe foi permitida. Stamati fez o percurso em quatro horas e meia, mais rápido que alguns homens. Por não lembrar seu nome, os organizadores apelidaram-na de Melpomene. Deusa grega da tragédia, lembrando apenas do drama e não o feito extraordinário de sua atitude, que não teve reconhecimento internacional, mas provocou o início para o ingresso gradual das mulheres nos jogos, por meio de lutas contra os valores da época, sendo a primeira mulher a enfrentar os obstáculos esportivos era moderna. (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p. 119).

As mulheres através de suas participações nos jogos foram quebrando gradualmente as ideias sobre o esporte ser um local masculinizado e desconfianças sobre elas, com autoconfiança e assertividade. (CIDADE; ROCHA, 2003).

Esses afrouxamentos culturais e sociais sobre a mulher, mesmo que de uma maneira lenta, ajudaram a desconstruir que a prática do esporte não era compatível com a natureza feminina e isso fez com que outras mulheres pudessem lutar contra as políticas de proibição. Uma mulher contribuiu muito para a inclusão das mulheres

no cenário esportivo mundial, Alice Melliart, foi a primeira mulher a receber um diploma que era concedido aos remadores de longa distância, criou algumas instituições que pudessem quebrar os preconceitos e as leis que proibiam a prática esportiva feminina. Uma das mais importantes foi a primeira Olimpíada feminina em 1921 e havendo cinco países participantes: Inglaterra, França, Itália, Suíça e Noruega, realizado em Mônaco, neste mesmo ano organizou a FSFI (Federação Internacional Desportiva Feminina), em 1922 foi realizada a segunda Olimpíada Feminina com a participação de sete países e um total de quase 300 mulheres. Os resultados da FSFI apareceram em 1938 quando algumas provas femininas farão partes dos Jogos Olímpicos (CARILLO apud CIDADE; ROCHA, 2003)

Ter a coragem e a bravura de enfrentar esse ambiente masculinizado que se encontrava o esporte não era uma tarefa tão fácil assim, muito pelo contrário, esses tipos de atitudes tornavam o clima mais tenso, mas se não fosse essas mulheres saírem da zona do medo, o cenário atual poderia ser igual aos Jogos na Grécia antiga e nos Jogos da era moderna.

2.2 A participação da mulher brasileira no Futebol e no Futsal

Falar da participação das mulheres brasileiras no cenário esportivo é motivo de muito orgulho, mas também é preciso falar sobre a luta travada dentro e fora de quadra, contra a não aceitação e políticas de proibição que existia em território brasileiro.

A primeira mulher brasileira a participar dos Jogos Olímpicos e quem inspirou outras mulheres não só no Brasil como também da América Latina foi a nadadora Maria Lenk nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932 com apenas 17 anos, onde foi a primeira mulher a viajar com a delegação brasileira para os Jogos. A sua participação foi importante para gerar questionamento do papel da mulher no esporte, até então o discurso utilizado era de fragilidade e sua participação mais de assistencialista. (GOELLNER, 2006)

Um fato curioso é que neste mesmo ano a mulher brasileira ganha seu direito ao voto, isso reforça que a luta feminista era no cenário esportivo, mas também na sua inserção dentro de uma sociedade patriarcal. O conservadorismo era uma característica muito forte da nação brasileira neste período e não permitia às mulheres de participarem de alguns ambientes sociais, o esporte era um desses espaços, à elas eram destinadas a função de ser mãe e detentora do lar, ao adquirir a sua independência de Portugal, o país começa a mudar os costumes, tentando acompanhar os avanços europeus (GOELLNER, 2006).

No documentário *“Maria Lenk - A essência do espírito olímpico”* com a direção de Iberê Carvalho, Maria Lenk foi a primeira mulher sul-americana a dirigir uma faculdade de Educação física e a única mulher brasileira a receber a ordem do mérito olímpico, Outras mulheres também entraram para a história do esporte brasileiro, Jacqueline Silva e Sandra Pires foram as primeiras mulheres brasileiras à ganharem uma medalha nos Jogos Olímpicos, jogando o vôlei de praia em 1996 em Atlanta, 100 anos depois do Jogos Olímpicos da era moderna ter começado, onde pela primeira vez a modalidade foi disputada. (CARVALHO, 2012).

No documentário *Mulheres Olímpicas* de Laís Bodanzky, muitas que fizeram história participaram desse breve filme e elas deram sua falas, Jacqueline foi uma das que mais falou, contou toda a sua trajetória, dificuldades e sua rebeldia contra

todo um pseudo manual que era imposto à elas, a sua medalha de ouro foi importante no aspecto individual, e serviu para desencadear ações que levassem à outras mulheres a saírem da zona do medo e não terem medo de praticar esporte. (BODANZKY, 2013)

Entretanto, não é só no futebol que a mulher lutou para conquistar seu espaço. Observa-se ao longo da história que a inserção da mulher no esporte tem acontecido de forma irregular, as conquistas foram conseguidas de modalidade em modalidade e sempre com muitas dificuldades. (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008, p. 118)

Goellner (2006) afirma que a presença da mulher na esfera do esporte apresenta duas vertentes, ameaça e complementaridade: ameaça porque desperta atenção de homens e mulheres, em uma cadeia onde predominam gestos e valores masculinos, complementaridade pois parceira do homem acaba realizando ações do cotidiano e as ações simboliza um modo moderno e civilizado de ser.

Trazer o futebol feminino para esse espaço é também um momento de reflexão, gerar um desconforto à todos independente do gênero. Quando o futebol chega ao Brasil? Como foi o desenvolvimento do futebol feminino? Há registros dos primeiros jogos? Onde teve o seu início? Foi aceito por parte da sociedade ou teve rejeitos? Se teve, por quem? Essas pioneiras demonstraram muito mais que um bom desempenho esportivo, demonstraram resiliência, força e personalidade, suas histórias de lutas servem de inspiração para as que se encontram jogando hoje e conseguem serem aceitas em um esporte onde “foi” considerado uma prática masculina.

Há relatos que o futebol chegou ao Brasil no final do século XIX e as mulheres eram destinados somente os espaços das arquibancadas, acreditava-se na época que sua principal função no cenário futebolístico e na partida de futebol eram de embelezar a partida, interessante lembrar que neste período as mulheres também lutavam por outras bandeiras, como o direito ao voto, ação somente aceita pelos homens da época, diante desse cenário todo, a modalidade se caracterizou como uma prática masculina (CEVA et al, 2014).

A luta da mulher na época não era somente na esfera esportiva, mas na sociedade como um todo, o direito ao voto somente ser masculino, mostra a desigualdade de gênero, em uma sociedade patriarcal.

A modalidade teve o seu início praticado somente pela classe mais alta da sociedade e os grupos considerados minorias não era permitido a sua prática, entenda como “minorias” negros, pobres e mulheres, e ela ganhou seu auge de identidade nacional quando deixou de ser um espaço elitista e atingiu as camadas mais populares, gerando assim conflitos raciais (CEVA et al, 2014).

O futebol praticado por mulheres estava em uma crescente no país, mas no momento em que o Brasil se encontrava, de uma sociedade machista e sexista o futebol acabou ganhando perfil masculinizado e jogar um esporte considerado culturalmente como masculino não era tão fácil. Em 1940, Hollanda Loyola diz um texto com o seguinte título: “Pode a mulher praticar o futebol?”, com as seguintes palavras:

Mais uma conquista de Eva... o futebol. Há cerca de uns três meses um grupo de moças dos mais conceituados clubes esportivos dos subúrbios da nossa Capital (Rio de Janeiro) iniciou a prática do futebol feminino entre nós. Organizaram quadros e, de acordo com as regras oficiais do “Football Association”, teem as nossas patrícias disputado várias partidas entre vários clubes. Tal acontecimento, pelo sabor da novidade, provocou sensação e a imprensa esportiva explorou-a hábilmente através de um noticiário minucioso e de propaganda intensa, aumentando o entusiasmo do público e o “elan” das jogadoras. E as partidas repetiram-se animadas e concorridas, violentas e movimentadas, com todas as características do jogo masculino, sem mesmo lhes faltar êsse complemento que parece imprescindível no famoso esporte bretão - as agressões e os socos... As nossas patrícias - belas e gentis - foram completas na exibição de seu futebol, igualaram a popularidade e o prestígio dos Faustos e dos Leônidas. A propósito dêsse sensacional acontecimento esportivo inúmeras teem sido as consultas a nós endereçadas sobre êsse tema: Pode a mulher praticar o futebol? (LOYOLA apud GOELLNER, 2005, p.146)

Neste mesmo ano, José Fuzeira envia uma carta ao então presidente Getúlio Vargas mostrando o seu descontentamento, que foi publicada no jornal carioca Diário da Noite com o título: “Um disparate desportivo que não deve prosseguir...”, com as seguintes palavras:

Vem, pois, o signatário, respeitosamente, solicitar a clarividente atenção de V. Excelência, para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Sr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio psicológico das funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a “ser mãe” [...] Certamente, as moças já inscritas nos quadros organizados são, como é natural, muitas coisas dos seus encantos de beleza. Entretanto, como não compreendem que o jogo violento de futebol lhes afetará a saúde integral da qual, na realidade, depende a longa mocidade da sua beleza física, saúde, aliás, muito mais preciosa e digna de cuidado do que o superficialismo das suas sobrancelhas, e das suas unhas e cabelos? Que nos conste, semelhante disparate desportivo ainda não surgiu em nenhum outro país. Assim, para evitar que as suas primícias venham a degenerar em uma calamidade contra a saúde e a compostura esportiva do belo sexo, venho apelar para que um aceno do reconhecido e elevado bom senso de V. Excelência faça com que o Departamento de Cultura e Saúde solicite o conselho de um grupo de médicos, a fim de que os mesmos, com a sua acatável autoridade, decidam se, efetivamente, a mulher pode, sem manifesto e grave prejuízo, integrar como elemento ativo, em um esporte de atritos e físicos rudes e agressivos, que, muitas vezes, embora por descuido, redundam também em pisaduras e em pontapés no peito, no estômago e no ventre dos jogadores. Que V. Excelência, Sr. Presidente, acuda e salve essas futuras mães do risco de destruírem a sua preciosa saúde, e ainda a saúde dos futuros filhos delas... e do Brasil.¹

1 Carta em exibição na exposição: “Contra ataque: as mulheres do futebol”, no Museu do Futebol, idealizada pela então pesquisadora Aira Bonfim, visitada em junho de 2019.

A referida carta ilustra o momento que se encontrava o Brasil na época, uma época bastante conservadora e preconceituosa, cujo conteúdo me levou a refletir acerca dos inúmeros “José Fuzeira” que se encontram até hoje com essas concepções em nossa sociedade.

A proibição aconteceu em 1941, com o Decreto-Lei 3199 onde proibiu a participação das mulheres em esportes condizentes com sua feminilidade, no artigo 54 se encontra as seguintes palavras: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para efeito o Conselho Nacional de Desportos baixas as necessárias instruções as entidades desportivas do país. (Brasil apud Pereira & Antunes, 2017)

Segundo Navarro e Bastos (2009) “no dia oito de janeiro de 1983, o Conselho Nacional de Desporto (CND), liberou a prática do Futebol e Futsal para as mulheres”, com isso, acabou marcando o início de uma nova era no futsal feminino no Brasil.

O futsal surgiu vinculado ao futebol, sendo que os principais fundamentos desta prática desportiva advêm deste esporte. O futsal foi uma adaptação do futebol para um espaço reduzido e que pudesse ser praticado em condições meteorológicas favoráveis, já que o futebol era praticado nas várzeas e dificilmente se conseguia jogar em períodos de chuva ou frio intenso. A prática do futsal ganhou grande avanço por estes motivos, sendo praticado em diferentes localidades. Com o advento escolar sua popularização foi ainda maior. (BARBIERI, 2009, p. 15)

Sobre o futsal feminino, a FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) autoriza a sua prática em 23 de abril de 1983. Passado esse tempo se observa uma crescente da modalidade, no dia 07/12/2001 é fundada a primeira seleção brasileira feminina de futsal e no ano seguinte é fundado o primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções. (SANTANA; REIS 2003)

Segundo Barbieri (2009) a prática do futsal feminino ganhou força nos últimos 20 anos. Anteriormente o desporto era proibido para as mulheres e o preconceito era bem superior a atualmente. As primeiras práticas femininas foram com o futebol, mas com o tempo o futsal foi ganhando seu espaço no mundo feminino.

Nas duas ditaduras que o Brasil vivenciou, a do Estado Novo de 1941 na era Vargas e a militar de 1965 foram introduzidas leis que proibissem mulheres de praticar modalidades esportivas, na legislação de 41, artigo 54 dizia: “as mulheres não será permitida a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para esse efeito, o Conselho Nacional de Desporto baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. (Brasil apud Altmann, 2017). Já no governo militar, no ano de 1965, algumas modalidades foram proibidas, sendo banida as práticas de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”. (GOELLNER, 2005).

Essas proibições citadas onde as mulheres tinham que seguir e obedecer onde as proibiam de praticar determinados esportes, em particular o futsal, foram rompidas não por mérito ou por consentimento, mas com muita luta. Esses decretos-leis do passado tem impactos significativos no presente, ele acaba gerando um atraso da prática e o esforço que as praticantes precisam fazer para uma equidade na modalidade acaba sendo maior.

O que se observa com a participação da mulher nos esportes e abrindo espaço para o futsal, é a desigualdade de gênero que as acompanham desde o seu início na modalidade.

Ao se falar da problemática de gênero nos esportes, as discussões tem sido associadas ao feminismo esportivo, que surgiu em resposta a dominância masculina neste campo e a marginalização das experiências femininas no esporte e na atividade física pela sociologia esportiva, refletindo relações de gênero predominantemente masculinas. (DEVIDE apud OLIVEIRA, 2008).

A ocupação de mulheres em um espaço onde foi considerado masculino acaba surgindo como um desconforto e causando duvidas sobre o espaço que elas podem ocupar. “Dentre os ambientes conquistados pela mulher na sociedade, o meio esportivo se mostrou um importante espaço de visibilidade de luta feminina” (PEREIRA; FONSECA, 2009).

Mourão e Mourel citado por Santana e Freitas (2015) diz que a inserção da mulher no futsal teve uma maior resistência da sociedade se comparando com

outros esportes pois ele possui um maior contato físico que os demais e isso está relacionado com gestos masculinos

Com o passar do tempo e a inserção da mulher no esporte, inclusive o futebol e futsal, e mesmo com crescimento satisfatoriamente da modalidade, o preconceito, a discriminação e a falta de incentivo ainda se fazem presentes. É de extrema importância o incentivo a pesquisa na área do futsal feminino, pois contribui para que o mesmo seja mais aceito pela sociedade e supere barreiras enfrentadas por mulheres na prática do futebol. (PEREIRA; FONSECA. 2009).

CAPÍTULO 2

3. O FUTSAL NO CONTEXTO ESCOLAR: A PARTICIPAÇÃO FEMININA “EM JOGO”

3.1 Futsal feminino na Escola: um olhar para as questões de gênero

Quando se trata da participação do gênero feminino no cenário esportivo, no contexto escolar ou nos jogos escolares palavra resiliência surge como uma qualidade, e sobre o futsal feminino não foi diferente.

Os espaços ocupados pelos meninos nas aulas de educação física é sempre maior comparando com as meninas, caracterizando assim a quadra como um espaço dominado pelo gênero masculino, as meninas que buscam se inserir na prática do futebol, mesmo em menor número, acabam sendo chamadas de Marias-homens, ao chamá-las assim, os meninos afirmavam que o futebol é um esporte masculino, devendo apenas ser jogado por eles. (ALTMANN, 2015).

Isso não só apenas mostra o machismo existente no conteúdo futsal nas aulas de educação física, mas também reforça a desigualdade de gênero presente, como na atitude de chamar as meninas que tentam praticar o desporto de “Marias-homens”.

Em uma pesquisa feita por Uchoga e Altmann (2016), durante aulas de Educação física com os conteúdos queimada e base 4 jogo realizado com a bola nos pés, as meninas acabam produzindo papéis mais secundários nos jogos ou brincadeiras, sendo coadjuvantes, enquanto os meninos acabam possuindo um papel de maior protagonismo e se destacando mais, sendo realizado as últimas ações do jogo por eles, como no instante de atacar, por exemplo. Embora isso não seja generalizado e algumas meninas têm suas capacidades e habilidades físicas muito bem desenvolvidas, elas travam uma disputa de poder com eles durante os jogos, mas em cima dessa crença, o papel de coadjuvante por parte de meninas já acontece antes mesmo do início dos jogos. A habilidade corporal acaba servindo

como uma senha para mais do que participar de práticas corporais ou esportivas, mas sim se envolver (ALTMANN; UCHOGA 2016).

Mattos (2013) cita Ferrety e Knijnik, em seu artigo a respeito da relação de gêneros dizendo:

[...] é difícil encontrar algum setor da atividade humana que não tenha sido generificado. As meninas são rotuladas de masculinas e sofrem inúmeros preconceitos até conseguir um espaço que também deveria ser de direito delas, como no exemplo do futebol ou outras práticas esportivas onde a agilidade e força se destacam. Na escola, por exemplo, quando não são os próprios professores/as que legitimam a desigualdade de gênero através da seleção dos conteúdos nas aulas de Educação Física, os próprios colegas de turma, produzem e reproduzem ações estereotipadas a respeito do que é feminino e do que é masculino.

Altmann (2015) defende um trabalho mais pedagógico com o futsal com as meninas, pois possibilita uma ampliação maior no quesito técnico e de conhecimento, desconstruindo uma percepção de incompatibilidade entre feminilidade e futebol, uma vez que “Dentro da escola, as aulas de educação física configuram-se no principal espaço de aprendizagem e vivência do futebol, mostrando sua importância desse contexto”. (ALTMANN; REIS, 2013)

Em uma pesquisa realizada por Machado e Moura, cujo objetivo foi de analisar se as relações de gênero na Educação Física escolar, utilizando o futsal, existia certo favorecimento a prática masculina, 30 meninas foram entrevistadas e na pergunta “*Seu professor (a) de Educação física te incentiva, é indiferente ou proíbe que você jogue futsal?*” 20 entrevistadas relataram que a postura do professor (a) é indiferente.

Para Ferreira (2006):

Mesmo sem nos darmos conta, nós, docentes, muitas vezes nos relacionamos distintamente, ou estimulamos determinados tipos de comportamento, conforme nossos estudantes sejam homens ou mulheres. Para mim, o ponto zero dessa discussão é o esquecimento ou a invisibilidade desses processos, sem fazer nenhum julgamento prévio sobre o “acerto” ou o “equivoco” dos mesmos. É verdade que, em muitos casos, eles podem conduzir a práticas sexistas que, ao estereotipar como os indivíduos devem ser, segundo seu gênero ou orientação sexual, estabelecem situações de discriminação e de desigualdade. (p.65)

Siqueira (2018) desenvolveu uma pesquisa com seus alunos do 5º ano em uma escola em Guaratinguetá, para saber quais conteúdos os alunos gostariam de experimentar naquele semestre, terceiro e quarto, tiveram maiores votos futsal por parte dos meninos e duas meninas votaram pelo futsal, as demais escolheram ginástica artística, e apenas um menino escolheu capoeira, embora tenha havido três conteúdos preponderantes, o professor decidiu pelo conteúdo futsal.

Mesmo com um número baixo de meninas que escolheram o futsal, a informação muito importante que vem junto é justamente de que há interesse por parte das meninas em praticarem futsal e essa voz precisa ser ouvida. Para Navarro e Bastos (2009), a sociedade começa a aceitar que existem meninas interessadas pelo futsal e com isso mais meninas acabam sendo encorajadas pelo esporte e buscando a sua prática.

Para Joras (2013, p. 02):

O futsal ainda é visto como um campo hegemonicamente masculino, tendo em vista ser essa modalidade esportiva criada, pensada e praticada majoritariamente por homens. Entretanto, esse esporte atraiu e vem atraindo muitas meninas, e junto com essa prática a crítica e olhares duvidosos quanto a legitimação feminina no meio futebolístico.

Segundo Navarro e Bastos (2009) mesmo que em baixa proporção em relação ao masculino a sociedade já começa a ver uma representatividade feminina na mulher praticante de futsal, sendo assim, o interesse pela prática vem ganhando força entre o gênero feminino.

No tocante à prática do futsal feminino no âmbito da escola, torna-se relevante observar as turmas de ACDs, pois tem se configurado como mais uma oportunidade para as meninas poderem praticar o futsal nas dependências da Escola, para além das aulas de educação física.

As ACDS, anteriormente chamada de turmas de treinamento, possuíam caráter mais de rendimento esportivo e a competitividade, em 2001, no Estado de São Paulo, ocorrem alterações que mudam para Atividades Curriculares Desportivas e excluem essas características e adotam novas, como dar mais importância para a formação integral do aluno, uma prática mais inclusiva e menos excludente. (GOES apud MORAES, 2017)

A prática de treinamento de futsal está ganhando a atenção das meninas, Bastos e Navarro (2009) realizaram uma pesquisa na cidade de São Paulo e os resultados são bastante relevantes, de 25 escolas pesquisadas, 18 possuem as ACD de futsal com um total de 1.230 treinando.

Essa demanda em busca da ACD de futsal já é uma realidade sociocultural. O futsal no ambiente escolar passa por uma nova era, o Estado realizou intervenção e fomentou a prática do futsal feminino escolar através da ACD de futsal, isso é muito positivo, pois acaba encorajando de alguma maneira as meninas a procurarem o desporto e contribui para a emancipação feminina no futsal.

Para Bastos e Navarro (2009, p. 161):

A constatação que o Futsal feminino Escolar é uma realidade foi comprovada, através de todos estes dados e podemos concluir que as meninas estão jogando futsal em suas escolas, seja nos treinos ou em aulas de Educação Física, com a possibilidade de ainda dar continuidade a esta prática, tornando-se atletas federadas e profissionais.

As ACDs são disponibilizadas pelas escolas através dos respectivos professores de educação física que oferecem para os seus discentes as modalidades, separadas por lutas: judô, karatê e capoeira, ginástica: ginástica geral, ginástica rítmica e ginástica artística, as modalidades esportivas são as que aparecem com maior destaque, pois são muitas, sendo as coletivas: atletismo, basquetebol, futsal, handebol, rugby, voleibol, vôlei de praia, os individuais são: badminton, damas, natação, tênis de mesa e xadrez. Possuindo um total de 20 discentes por cada modalidade, possuindo as categorias pré-mirim, mirim, infantil e juvenil, e cada modalidade tem um time masculino e feminino (SÃO PAULO, 2016).

Com essa atitude da Secretaria da Educação de São Paulo, o esporte acaba adquirindo um caráter menos excludente, as meninas acabam se sentindo mais encorajadas a praticar as modalidades, como o futsal, pois assegura ser uma prática de maior participação e socialização.

CAPÍTULO 3

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo tem como referencial teórico metodológico a pesquisa de natureza qualitativa, Para Bogdan e Biklen (1999) a pesquisa qualitativa busca analisar e compreender os comportamentos de grupos ou pessoas a partir de suas perspectivas e não contabilizando as quantidades como resultado, possui a observação participante e a entrevista em profundidade como suas principais estratégias.

De modo a atingirmos o objetivo proposto neste estudo foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo, no caso da primeira abordamos os tópicos: participação feminina no esporte, futebol e futsal feminino e ACD

A pesquisa de campo envolveu inserção em duas turmas femininas de ACD Futsal em uma escola da Rede Pública Estadual localizada em um município do interior de São Paulo durante um período de quatro meses com acompanhamento e observação de quinze encontros.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados registros escritos das observações de cada encontro, através dos diários de campo. Segundo Bodgan e Biklen (1999) se trata de estar presente nos locais no qual os participantes estão inseridos, analisando e recolhendo os comportamentos naturais do grupo interessado. Quanto maior a relação com eles, menos formal a pesquisa, e isso acaba deixando-os mais confortável para se obter informações. As mesmas foram registradas.

Além dos diários de campo, realizamos levantamento do perfil das participantes da turma através de questionários, bem como entrevistas do tipo semi-estruturada com treze estudantes participantes da ACD de futsal feminino com idade entre 11 e 13 anos. Estas foram identificadas através de nomes fictícios escolhidos por elas para garantir o sigilo ético. Cada uma das participantes entrevistadas estão devidamente apresentadas no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Perfil das participantes do estudo.

Nome Fictício	Idade	Auto declaração racial	Tempo de prática	Tempo na turma de ACD Futsal	Espaços de prática do Futsal fora da ACD
Meneguel	11 anos	Branco	4 anos	7 meses	Rua, ginásio e fora da cidade
Barbosinha	12 anos	Pardo	6 anos	7 meses	Rua, ginásio e quadra sintética
Loh Reale	12 anos	Branco	6 anos	2 anos	Ginásio, SESI, quadrinha, rua e sintético
Sofi	12 anos	Branco	5 anos	6 meses	Rua, casa, quadrinha, ginásio
Tainá Lacerda	13 anos	Negro	3 anos	2 anos	Rua, quadrinha, quintal e escola de futsal
Joyce Fernandes	13 anos	Pardo	7 anos	2 anos	Rua e ginásio
Amanda	13 anos	Negro	3 anos	3 anos	Ginásio e quadrinha
Camilinha	13 anos	Pardo	7 anos	3 anos	Não pratica futsal fora da ACD
Maria	13 anos	Branco	3 anos	3 anos	Não pratica futsal fora da ACD
Mirela	13 anos	Negro	5 anos	3 anos	Casa, rua e quadrinha
Duda	13 anos	Negro	6 anos	3 anos	Ginásio e rua
Raissa	13 anos	Pardo	3 anos	3 anos	Não pratica futsal fora da ACD
Mila	13 anos	Pardo	1 ano	1 ano	Ginásio

As entrevistas foram realizadas, individualmente nas dependências da escola, com duração média de 20 minutos cada uma. Os áudios foram gravados em um aparelho celular.

As participantes autorizaram e consentiram sua participação nesse estudo assinando o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Anexo 1) e os/as respectivos/as responsáveis consentiram e autorizaram assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE (Anexo 2).

As entrevistas se pautaram por um roteiro elaborado previamente com seis perguntas (Apêndice C), cujas respostas foram transcritas na íntegra e analisadas tendo como referência a Análise de Conteúdo Categórica Temática (GOMES, 2004), cujo processo originou três categorias as quais são apresentadas e discutidas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com o propósito de analisar e compreender as motivações que levam à meninas de uma escola pública frequentarem as ACDs de futsal, procuramos responder as questões propostas neste estudo. Com o processo de análise guiados por tais questões emergiram três categorias temáticas em torno de aspectos da experiência das participantes, delineadas nas categorias discutidas a seguir.

A) “Eu amo jogar bola e eu quero aprender um pouco mais do que eu sei”

Essa categoria se refere aos aspectos influenciadores da experiência de participar das turmas de ACD Futsal, permeada pelas motivações positivas e também negativas, relatadas pelas estudantes, desde o momento em que tomam contato com a prática esportiva do Futsal, passando pela inserção nas turmas de ACD até à permanência, a qual aparece envolta por estímulos, mas também, dificultada pela ausência de incentivo.

De treze meninas entrevistadas, nove relataram o seu início na modalidade através de amigos, primos, irmãos, pai e professor, ou seja, do gênero masculino, como relata Meneguel: “foi quando o meu pai saía pra ir na quadra e eu ia junto com ele, daí eu comecei a gostar de futsal”, como também diz a Barbosinha: “meus primos jogavam aí eu comecei a gostar, eu comecei a jogar com eles e eu fui me apegando”, e Mirela:

Quando eu tava num projeto chamado CCC (Centro de Convivência da Criança) e eu... era muito longe, distante das crianças, então eu começava a prestar atenção nas atividades dos meninos, como sempre. Aí eu vi eles jogando bola, futsal, futebol de campo e fui me interessando aos poucos, eu fui indo na linha, no gol, onde eu me encaixava melhor... Foram eles que me chamaram, porque eu era um pouco distante das meninas, eu comecei jogando bola com eles.

No caso da aluna Tainá Lacerda, ela cita o professor: “Comecei a gostar através do professor, aí ele começou a me ajudar, me incentivou bastante”.

Ficou bastante claro nas falas registradas das alunas que a sua inserção no

futsal é através de familiares mais próximos e na grande maioria das vezes são homens, jogando com eles seja na rua, na escola ou em campos de várzea.

“[...] Foi por ele que eu comecei a jogar futebol né?! Eu gosto muito dele, mas ele fala sim, ele me motiva” (MENEGUEL), essa frase de Meneguel reforça a figura masculina na inserção da modalidade, quando ela diz “ele” está se referindo ao seu pai, quem apresentou a modalidade desportiva.

Segundo Altmann e Reis (2013), ao longo da infância, as primeiras experiências futebolísticas das meninas ocorreram na companhia de homens, sendo os familiares e amigos, na maioria, crianças como elas.

No tocante às motivações para comparecerem aos treinos de ACD de futsal, algumas falas foram bastante interessantes para compreender as motivações das alunas, como: “Pra melhorar meu futebol, né?” (MENEGUEL), “Pra corrigir os erros que eu tenho nos jogos e pra melhorar mais e mais” (JOYCE FERNANDES) e “Ahh, pra eu ficar melhor [...]” (MILA)

porque eu gosto, eu amo jogar bola e eu quero aprender um pouco mais do que eu sei, eu sempre quero correr um pouquinho mais do que eu sei, eu quero aprender mais que as outras pessoas, até o professor Sandro, tem vez que eu quero ser um pouco mais inteligente que ele, ter um pouco mais de inteligência, técnica... eu sempre quis ser um pouco melhor [...] (MIRELLA).

Aqui a interpretação foi de que elas treinam para melhorar o rendimento esportivo delas, resultado de um Brasil no qual o futebol e o futsal de alto rendimento é mais divulgado, falado e mais expressivo, pois o resultado é mais valorizado do que a formação integral do indivíduo.

Outro fator que estimula a permanência aos treinos e que teve um grande destaque é a influência familiar, evidenciadas em algumas falas: “Sim, eles apoiam. Quando eu vou falar pra eles que eu vou para o treino, minha mãe fala assim: vai mesmo, treina, dá o seu melhor que você tem potencial pra fazer, meu pai também sempre foi de me apoiar nas coisas que eu faço (Sofi), “minha mãe, meu tio, meu tio quando era criança ele jogava muita bola ele e meu pai, então o meu tio é muito bom, ele me apoia, minha tia também me apoia bastante (Tainá Lacerda), “ah eles falam as coisas lá, tipo: você gosta disso? Continua, se é seu sonho, se você quer

virar jogadora, vai continuando que o que você precisar nós vai tá aqui” (Barbosinha), “a gente tem mais forças, é... esforço, dá mais vontade de jogar [...]”

Mas, nem sempre as alunas tem o apoio de seus familiares, muitas relataram a falta de apoio e incentivo dentro do próprio lar, sendo reforçados pelas falas a seguir: “Por minha mãe não me motivar tanto assim, igual poderia ser, poderia ser bem melhor, ela me motivar e me levar em outros treinos e assistir também [...] Ah eu me sinto mal né? Porque o apoio que eu mais precisava ela não dá, entendeu? (MENEGUEL), neste caso, a aluna Meneguel presencia as duas situações, o incentivo do pai e a falta dele vindo da sua mãe.

Foi assim, eu mandei mensagem pra minha vó quando eu queria, aí minha vó falou que ia me dar, uns dois ou três dias seguinte a minha vó conversou com a minha mãe, aí minha mãe falou que não era pra dar, aí acho que foi uns dois ou três anos tentando convencer a minha mãe, aí o ano passado a minha vó deu escondido, aí só no dia do aniversário do meu irmão que ela viu, porque o nosso aniversário é junto (DUDA),

Nessa história contada pela aluna, o que foi entendido é o bloqueio da mãe para a avó de Duda não presentear a filha com um tênis de futsal, precisando persistir em conversas e vários não por um total de três anos, que só teve sucesso quando ela foi presenteada escondida e no dia do aniversário do irmão, esse bloqueio é uma proibição velada que a mãe tem com sua filha para que ela não pratique a modalidade, é interessante analisar que Duda em momento algum pede para sua avó uma boneca mas sim um tênis para praticar futsal e por três anos manteve a sua decisão. Isso não mudou mesmo com sua mãe sendo contra o seu desejo, em um outro momento, a mesma Duda reforça com sua fala a falta de apoio que tem de sua mãe “Não! Porque a minha prima virou sapatão por causa que ela jogava, aí minha mãe acha que só por conta disso eu vou virar” (DUDA).

Através dela, pode-se compreender o motivo dessa proibição da filha ser presenteada com um tênis e essa falta de apoio que ela precisa para manter na prática desportiva, outra aluna também ouve de sua família falas sem incentivo, “Ahh, minha mãe não gosta que eu jogo, ela fala que é coisa de moleque, fala que não dá futuro” (AMANDA). Aqui, a mãe de Amanda relaciona o futsal sendo uma prática masculinizada, carregando consigo suas experiências de vida, vivendo em

uma época no qual o esporte teve sim a sua predominância masculina. Hoje o cenário não é o mesmo e está se encaminhando para uma nova era diferente de sua época e essa informação precisa chegar até eles, os pais precisam ser informados.

Outro fator estimulante para realizar os treinos é a didática do professor e os seu relacionamento interpessoal, a sua boa relação com elas torna a prática mais prazerosa e estimulante à elas, sendo comprovada em algumas falas: “O professor me ajudou bastante, acho que ele não sabe que me ajudou, mas ele me ajudou bastante” (TAINÁ LACERDA), “O sor [...] é uma pessoa muito importante na minha vida, tanto nos treinos como no pessoal, porque tem vez que ele manda link de vídeos pra treinar e eu aprendo” (MARIA), “O professor também ajuda bastante, quando eu penso em desistir ele fala que é pra mim continuar” (DUDA), nessa situação da aluna Duda, podemos articular essa ação de desistir em suas falas anteriores onde a mesma diz não receber apoio de sua mãe e aqui fica evidente a importância do professor na permanência dela na ACD de futsal.

Os professores que têm lá e de outras cidades, são muitos grossos com as meninas, e assim, a gente tem muita sorte de ter o professor, muita sorte, eles começam a xingar as meninas, aí coloca muita pressão no jogo, isso só piora [...] Senti raiva, pra que fazer isso com as meninas? O jogo ficou muito tenso, elas ficaram nervosas, queriam fazer gol e não conseguiam, com o professor gritando... Ele ficava gritando: “vamo logo, você não ta fazendo direito, aí você é muito burra, olha o gol ali, é tão fácil de fazer, o jogo tá muito fácil, vamo, vamo” aí eu virei e vi o time delas, o professor pegou assim o braço dela e apertou como se fosse a filha dele, cara... meu olho ficou assim, arregalado, pra que fazer isso? O professor Sandro disse pra gente “parabéns” eu pensei: “o sorte boa hein?!” (MIRELA)

Aqui a aluna Mirela apresenta um exemplo de um jogo que elas participaram do JEESP (Jogos Escolares do Estado de São Paulo) neste ano, realizando um contraste na forma de tratamento de cada professor com suas alunas e a importância de se ter um bom relacionamento para a continuidade na ACD.

B) “É mais difícil ser menina

Essa categoria abrange questões relacionadas às dificuldades que as participantes enfrentam especificamente por serem meninas, ou seja, a questão de gênero como definidora, se colocando como obstáculos para a experiência delas.

Enquanto duas equipes jogavam, a terceira aguardava na arquibancada, foi aí que puxei o assunto, perguntando sobre idades, onde moravam, para poder conhecer mais as meninas, Duda, Maria, Tainá Lacerda e Amanda estavam contando suas histórias no JEESP e nos Jogos Regionais. A goleira Maria disse que muitas mães não deixam suas filhas viajarem para jogar, por preocupação com elas, Amanda disse que nunca viajou porque sua mãe não deixa: “uma vez o professor teve que pedir”. O professor estava próximo e confirmou a fala. Foi aí que fiz umas perguntas, a primeira se elas tinham irmãos ou primos que praticavam esportes, Amanda disse que o irmão dela joga, questionei se a mãe dela ficava com a mesma preocupação/proibição com ela, ela deu um sorriso irônico e disse que não, foi aí que Maria Clara disse: “é mais difícil ser menina”.

Esse acontecimento seguido dessa fala de Maria aconteceu no meu segundo encontro com a turma e essa frase teve bastante impacto, pois, tanto no futsal quanto no futebol no Brasil, sempre foi mais difícil para a mulher jogar e para o homem não. O homem não foi proibido de jogar por quase quarenta anos, o homem que joga futsal e futebol tem melhores investimentos, mais prestígios e mais visibilidades que as mulheres, então é mais difícil sim ser menina. Nesse momento do trabalho apareceu algo com muita força nas falas da grande maioria delas, o preconceito, que elas sofreram e ainda sofrem por jogarem futsal. Apareceram falas bastante fortes, algumas ouviram com seus seis anos de idade, ainda crianças, às vezes, não entendendo o porquê estarem ouvindo tantas ofensas simplesmente por serem meninas e quererem jogar futsal.

O preconceito de gênero teve o seu maior destaque. O preconceito racial também acabou parecendo, mas em menor expressão. A cada entrevista com as alunas, era impossível não me sensibilizar, foi o momento mais marcante para mim durante essa pesquisa. “Eles falaram: ai isso aí, é... futsal é... futebol é só pra

menino, menina não tem que ficar se envolvendo... que não sei o quê, eu achei isso muito injusto” (TAINÁ LACERDA),

Já! Foi quando a gente foi jogar na quadrinha, se eu não me engano a Sofi e a Loh Reale tava junto, aí uma menina queria jogar com a gente, daí eles começaram a falar que não, tipo, ela tinha um jeito de bi mas ela não era, daí os meninos começaram a falar que ela era sapatão, que o futsal não é pra ela, mas ela jogava bem (MENEGUEL).

Ah já aconteceu uma vez, foi no 3º acho, ou 4º, não lembro quando foi, foi quando a Taylane tava com nós, ela era goleira, aí foi quando a Sofi fez um gol e ela veio me abraçar por ter feito o gol, daí os meninos começou a falar: alá, as bi, se beijando ali, daí nós ficou triste mas continuou jogando normal (MENEGUEL).

Já me chamaram de lésbica, de sapatão por jogar, tava jogando, aí fazia gol e a gente se abraçava, dava beijo na bochecha e tal e os meninos que estavam assistindo falavam: ahh é tudo sapatão, porque joga bola, beija menina, e aí eu sempre falava: se eu fosse, você tem alguma coisa contra? (SOFI).

Interessante analisar que a fala de Meneguel é confirmada na fala de Sofi, pois elas estavam jogando juntas e quando uma delas fazia o gol, no momento de maior alegria, elas eram atacadas verbalmente.

Chamou de sapatão eu tento não achar ruim, porque, não é uma coisa ruim ser, só tem o problema que a sociedade não aceita, tem a homofobia que já mataram várias pessoas por ser assim, por exemplo, se eu fosse mesmo, eu não falaria pra ninguém, na verdade vergonha eu não tenho, mas pra não sofrer preconceito (SOFI).

Aqui gostaria de deixar registrado o conhecimento que a Sofi tem sobre o assunto, por trazer dados sobre a homofobia e de interpretar a sociedade atual como sendo preconceituosa, com sua pouca idade, doze anos, e também o receio que ela tem de um dia sofrer preconceito. Ela deixou claro não ter vergonha mas um certo medo em sofrer preconceito. “Foi na rua, tipo assim, nós tava tudo lá pra jogar, aí eu tava lá mas eles não falaram nada pra mim porque eu já jogava com eles, aí a menina queria jogar, ela pegou e falou assim: deixa eu jogar? Ele falou assim: ah você é menina, cê tem que brincar de boneca, você não sabe jogar” (Loh Reale).

Ahh Loh Reale você vai virar sapatão, fica jogando bola, cê tem que brincar de boneca, brincar com as suas amigas [...] Ahh, dá vontade de chorar [...] Ahh, que ia virar sapatão, daqui uns dias eu ia tá andando com menina na rua, ficar beijando as meninas [...] Ah eu me sinto muito mal, me dá vontade de chorar (LOH REALE).

Essa relato é uma realidade que a Loh Reale enfrenta desde os seus seis anos idade, pois sofria preconceitos de seu primo, quando iniciou no futsal. Hoje, com doze anos, ainda permanece na prática, mostrando toda a sua resiliência humana. Ela contou mais momentos nos quais tentou jogar futsal junto com meninos:

Foi na aula de Educação Física. Ah ele falou assim: “Ah Loh Reale vai brincar com as suas amigas, vai, aqui vai brincar só os meninos, se você quiser vai ficar de próxima, até o jogo acabar” (mostrando descontentamento) [...] “Ah as meninas não podem jogar, vai jogar só os meninos, futebol, é... futsal não é jogo para as meninas, as meninas tem que ficar brincando lá com as outras meninas, ficar fazendo fofoca” (LOH REALE).

Quando Duda foi perguntada se já tinha sofrido preconceito por jogar futsal, respondeu: “Ah já ouvi né? Quando vou jogar na rua e as outras pessoas falam, por eu ser menina... Já me falaram que eu vou virar sapatão, que jogar bola é pra menino” (DUDA).

Interessante analisar que quando perguntada se era motivada por sua família por praticar ACD de futsal ela disse que não sentia apoio de sua mãe e que ela tinha medo que a filha virasse sapatão, além disso, o mesmo comentário preconceituoso de uma pessoa na rua que não conhece, fragiliza a motivação para praticar a ACD de futsal, pois o preconceito vem de todos os lados, inclusive de onde não deveria vir, da família.

Quando eu tava no CCC, eu tava jogando bola com os meninos e tinha um campeonato (indignada) só pra meninos, e eu era goleira, sempre que eu queria participar dos jogos, eu não podia porque era menina, as meninas sempre riam da minha cara, então eu conversava com a diretora e com o professor pra ver se eles deixavam eu jogar... uma vez eu consegui, mas o resto não, o resto eu não podia porque menino poderia me machucar, umas burocracias muito chata [...] depois veio a minha irmã aí mudou o esquema, mas fui eu quem entrou primeiro no CCC então eu que sofri um pouquinho. (MIRELLA)

Esse episódio na vida de Mirella mostra sua resiliência, e sua força para enfrentar essas proibições que ela encontrou quando começou a praticar futsal, a pioneira, quem teve que resistir para que o cenário do CCC hoje tivesse maiores oportunidades para as meninas. Fato semelhante ocorreu na história do futebol

feminino no Brasil que, mesmo sendo proibidas de jogarem, as mulheres persistiram, foram contra as proibições. No momento presente, ainda que, em passos lentos o cenário vem ficando um pouquinho melhor. Para Taboada, Legal e Machado (2006) de uma maneira geral, define resiliência como a capacidade que o indivíduo tem de ser positivo e superar as adversidades.

E, infelizmente, não foi só neste projeto que passou por momentos constrangedores, no ambiente escolar também, como em sua fala: “Já, no 6º ano, eu tinha 11 anos e queria jogar bola na educação física e não podia porque era menina e os moleques não gostavam, ele falava: ai você não pode porque é menina, ah vai brincar de boneca lá com as meninas, vai, pode ir”. (MIRELA)

Quando Maria foi perguntada se já tinha sofrido algum preconceito ou presenciado algum, a mesma respondeu:

Eu acho que incentivo não falta porque minha mãe sempre tá lá, ela sempre joga na minha cara que ela queria ver eu no ballet, mas ela é super de boa, ela sempre fala: “ai eu preferia você numa sapatilha de ballet, com vestido, que não sei o que [...] tem hora que eu tô de boa lá e ela fala que preferia eu no ballet do que no futsal, tem hora que... chega até cair a autoestima. (MARIA)

Existe um preconceito velado, no qual a mãe não aceita que Maria jogue futsal e a preferiria no *ballet*, relacionando como uma prática feminina, ela ainda dá as seguintes declarações que confirmam esta interpretação: “Ah de boa, eles aceitam, o único problema da minha mãe é eu virar sapatão (risos) porque geralmente menina que pratica esporte vira”, comentou também quando presenciou uma atitude de preconceito em um jogo de futsal: “Eu tava vendo a minha prima jogar, aí os meninos que estavam atrás de mim falavam que mulher não sabe jogar bola, essas coisas, que deveria estar dentro de casa cozinhando e fazendo serviço” (MARIA). Sua amiga também já foi alvo de preconceitos e mais um vindo da própria família: “Ahh só com o meu irmão, que fica me enxendo o saco, fica falando que eu sou homem por jogar futsal, ele fica falando: ahh você não é menino pra jogar futsal”. (MILA), nesta fala ela cita um momento que seu irmão relacionou a modalidade como sendo um espaço masculino e sua mãe também realiza

comentários que não estimulam a prática: “Ela falou assim: ó, você fica esperta heim, porque neste grupinho aí sempre tem uma sapatão”. (Mila)

Durante o meu período na ACD, conheci algumas histórias e uma chamou bastante atenção, a história de Amanda com o futsal. A proibição e a aversão que a sua família tinham com a sua prática era algo inacreditável. Ela foi a única que mãe se recusava a assinar o termo da pesquisa, ao conversar com a mãe, percebi muito bloqueio e medo da família com o futsal, depois de conversar e explicar o estudo para a mãe, ela a autorizou. Na entrevista Amanda dava respostas muito curtas, sobre os momentos de preconceito vivido, como este exemplo: “Fala que se eu continuar jogando bola eu vou virar lésbica, e outras coisas lá [...] porque é coisa de moleque”. (Amanda).

Não é porque a menina joga futsal que ela vai ser lésbica e, na grande maioria das vezes os pais não conseguem entender isso. A informação e a desconstrução precisam ser feitas nesses meios, pois isso acaba desencadeando uma não motivação na prática do desporto.

Às vezes o preconceito também pode vir das próprias meninas, como aconteceu com a Sofi:

Na antiga Escola que eu estudava no recreio a quadra era liberada e a gente sempre jogava, aí era 4º contra 5º, independente, era meninos e meninas misturado e nisso quando a bola caía com algumas meninas eles falavam: ai chuta pra frente porque você não sabe jogar, e eu também já vi as próprias meninas xingando outras meninas, que não deviam jogar, que deviam cuidar de casa e eu não aceitava, porque a gente tava tentando fazer uma coisa boa que a gente sabe fazer e ela querendo rebaixar as meninas que estavam jogando, ao invés de se unir (SOFI).

Ela mostra a sua indignação, citando “ao invés de se unir”, concluindo que já é difícil ter esse preconceito entre os meninos, e que as meninas deveriam se unir contra isso: contra o machismo no esporte. A resiliência com pouca idade é a sua maior característica como aluna e pessoa. Tainá, também deu suas contribuições sobre já ter sofrido com preconceitos nos registros, como esses: “Eles começam a falar: (imitando a fala dos pais) Aí isso aí não tem futuro, que adianta você fazer isso? Daqui a pouco você vai começar a virar sapatão igual essas meninas que estão jogando” (TAINÁ LACERDA), mostrando mais uma vez que o preconceito pode vir

dentro da própria família e reforçando na próxima fala, pois conta uma história envolvendo o seu irmão:

É! Ele acha que é muito... que é mais pro masculino jogar futsal. Teve uma vez que a gente foi jogar ali na quadrinha ali embaixo, tinha menina, só tava eu de menina, daí ele começou a gritar: “*E você não sabe jogar merda nenhuma*” e eu tava jogando normal né, os meninos tocavam pra mim, eu fazia gol, ajudava e ele não gostou, ele só gritava no meio da rua que o futsal não é pra menina, é só pra menino [...] (TAINÁ LACERDA)

O preconceito também pode vir de pessoas desconhecidas, como esse episódio: “Algumas pessoas que... eu tô indo embora, vê eu com society, essas coisas, perguntam: “Aí você joga? eu respondo: uhum! Aí eles: aiiii vai virar sapatão!, aí eu viro as costas” (TAINÁ LACERDA). O preconceito também pode ser racial, também quis contar uma história que presenciou quando estava passeando com seus avós em Bauru:

Uma vez eu vi, que eu fui, eu, meu vô, minha vó foi tomar sorvete e tinha lá um bosque onde as crianças ficavam tudo jogando, daí foi uma menina que ela era um tom mais escuro que eu, daí eles começaram a falar... começaram a falar que a menina não podia jogar, por conta dela ser, muito... morena” (TAINÁ LACERDA)

Ao questioná-la como tinha se sentido por ter presenciado me respondeu: “Destruída!! Por conta de eu também tá sofrendo e ter sofrido” (TAINÁ LACERDA), foi então que contou quando também sofreu preconceito racial: “Eles falavam que futsal não é pra menina, que lá era só pra menino, que por conta de eu ser... muito escura, é... como que eu posso dizer... que num dá certo” (TAINÁ LACERDA).

Importante observar nas falas apresentadas que a percepção de pessoas de ambos os gêneros reproduzem a visão do universo esportivo, ainda que sua vivência se dê no contexto escolar, como uma experiência predominantemente masculina e masculinizante, pois como afirma Rubio (2019) em um programa esportivo cuja fala em audiovisual é reproduzida a seguir:

As mulheres são historicamente vistas como as usurpadoras do espaço masculino dentro do esporte, que é um fenômeno construído para provar virilidade, força e historicamente esteve nas mãos dos homens, e esse é um fenômeno que não se segura mais. Quando você tem as mulheres conquistando o espaço e não foi por concessão, foi por luta, que isso fique muito claro, isso começa a incomodar.

Infelizmente a atitude de “incomodo” da sociedade vem acompanhada da sujeição das meninas às situações constrangedoras e humilhantes as quais têm de conviver e superar para que continuem a praticar o Futsal, como revelam seus relatos.

Percebe-se que, a conquista feminina na prática do futsal tem avançado consideravelmente, apesar dos estigmas, preconceitos e estereótipos ainda permearem as relações sociais e, também o ambiente escolar. No entanto, acreditamos que este é o espaço que pode gerar a transformação já que se trata de uma questão cultural a qual a educação é a forma de repensar e reconstruir de modo crítico em busca de relações de gênero mais igualitárias, neste espaço a ACD de futsal auxilia neste processo pedagógico.

C) “Ele acha que a gente é frágil, mas a gente é forte, muito forte!”

Nesta categoria emergiram os relatos que indicam a superação e as formas de enfrentamento das meninas participantes frente às situações de preconceito e machismo que permeiam suas experiências. Neste momento serão apresentadas as falas das alunas entrevistadas que não se intimidam com o machismo e preconceitos. Darei início com um depoimento de Meneguel:

No começo eu me sentia triste, mas depois eu comecei a ver, que tipo... a opinião deles não acontecia nada comigo, eu continuava normal, continuava jogando, que não é uma opinião que vai acabar com nossa carreira (MENEGUEL)

“Ela ficou triste e saiu, aí eu falei com eles, eu falei se ela não jogasse eu também não ia jogar, aí eles deixaram ela jogar” (BARBOSINHA). “Mas ele tem medo que eu jogo bola, tem medo (risos) ele acha que a gente é frágil, mas a gente é forte, muito forte!” (MIRELA). Aqui Mirella se refere ao medo que o pai tem por ela jogar futsal, acreditando que ela seja do sexo frágil e ela não se classifica dessa maneira. “Ahh só com o meu irmão, que fica me enxendo o saco, fica falando que eu sou homem por jogar futsal, ele fica falando: ahh você não é menino pra jogar futsal, eu falo assim: tem que ser menino pra jogar futsal agora?” (MILA), mais uma resposta de resiliência, de Milla para seu irmão. Sofi diz como faz para superar os preconceitos:

Todos eram meus amigos ali, mas sempre tinha aqueles que não eram amigos mas sempre ia jogar e tirava sarro de mim jogando... eles falavam: Aí que menina não sabe jogar, que menina tem que ir lavar louça, sempre eram meninos mais velhos que ia jogar... que tinha que cuidar de casa, não era pra ficar fazendo esporte que não era, assim pra... um esporte feito pra menina, mulher jogar, e foi aí que eu comecei a tomar gosto mesmo pra jogar (risos) [...] Na verdade, eu não sentia raiva, mas... eu sempre tive aquele... assim, quando a pessoa falava mal de mim, era aí que eu mostrava o meu potencial, pra mim poder fazer melhor e pra eles, calar a boca e parar de falar assim (SOFI)

É de impressionar a pouca idade de Sofi mas tamanha bravura e rebeldia contra ataques de preconceitos por jogar futsal. Essas falas confirmam isso e mostram o quanto ela é resiliente:

As pessoas aceitarem que mulher joga, que não é só um esporte masculino, os meus amigos eles são meus amigos de verdade, mas quando acontece alguma briga eles sempre joga na cara que mulhe não tem que fazer isso, que mulher não pode jogar, que mulher tem que cuidar da casa, tem que cuidar da família, e assim... eu não me sinto rebaixada por isso, aí que eu levanto a cabeça e jogo mesmo, como eu já falei, mas nunca fui assim de ficar triste por causa do que os outros falam... eu me sinto revoltada mas não triste e nunca fui de baixar a cabeça quando alguém fala alguma coisa ruim sobre o que eu faço [...] A Meneguel já sofreu isso também, na hora que falaram isso eu senti uma raiva mortal, é como se a gente fosse irmã de verdade, de sangue, a gente se entende só pelo olhar, ela é bem revoltada e eu sempre fui de falar: não, vai fazer melhor no campo, mostra o que você sabe fazer pra mostrar pra eles e fazerem eles parar de falar mal, e a gente sempre foi assim, falavam mal e a gente sempre ia lá e mostrava o que a gente sabia fazer. (SOFI)

Elas têm a percepção que o futsal não é um esporte masculino, como ela mesma pondera, ela não se sente para baixo quando é alvo de ataque preconceituosos, como disse “aí que eu levanto a cabeça e jogo mesmo”. Sua fala demonstra a solidariedade e o princípio de coletividade que emergem das dificuldades, e como isso ainda empodera e encoraja as suas amigas nos momentos mais difíceis. Como exemplificou em sua fala, essa atitude é o combustível para que as meninas não acabem desistindo da prática por esse tipo de atitude.

Tainá contou uma história do momento que seus pais a tiraram da ACD de futsal e a colocaram no atletismo, pois não gostavam que ela praticasse a modalidade:

Eu parei com tudo, focava só no atletismo, daí o sor me convidou pra treinar aqui na Escola e eu peguei e falei Ahh sor, eu vou vê, daí ele pediu pra ver com minha mãe, eu peguei e falei humm [...], eu fiquei pensando que minha mãe não ia deixar, daí... Eu fiquei um ano vindo escondida da minha mãe [...] minha mãe e meu pai ia trabalhar e só chegava de tardezinha e eu ficava com a minha vizinha, daí eu ia em casa, enrolava e vinha, treinava, chegava em casa, tomava um banho e ia pra minha vizinha. Daí do 6º ano pra cá eu comecei a limpar a casa, antes eu ficava na minha vó, limpava a casa e ficava em casa e minha mãe me colocou pra fazer as obrigações de casa, daí eu peguei, e fiz, comecei a fazer e vindo pro treino escondido, fiquei um ano, daí eu comecei a falar pra minha mãe que eu tava vindo treinar e a reação dela (soltou um sorriso irônico) foi um pouco alterada mas depois resolveu.

Em momentos de mais tensão com os pais ou em outras situações, ela acaba respondendo com as seguintes palavras:

Daí eu pego e falo: (resposta com um tom de enfrentamento) Não! pra que que eu vou ficar fazendo isso? Isso, que eu treino futsal é por demonstrar algum sentimento que aqui não dá pra demonstrar, é... me dá tranquilidade e prazer de fazer isso, porque, se eu parar de treinar futsal e ficar em casa só fazendo serviço e estudar, serviço e estudar, que que eu vou fazer da minha vida? Só vou ficar fazendo isso? Eu preciso ter algum lazer pra fazer, ter alguma atividade tranquila. Daí eles começam a falar: Ah e o atletismo, o vôlei, o handebol...? (TAINÁ LACERDA)

Para que ela pudesse estar presente hoje na ACD de futsal, precisou brigar contra a força da família para poder fazer o que mais gosta de fazer, que é jogar bola. Essa resiliência e persistência que ela têm não pode passar despercebido, é uma luta individual, sem apoio, a não ser das próprias companheiras de time e do professor. Aí eu trago a pergunta: quantos “José Fuzeira” não estão hoje neste espaço depois de quase 80 anos?

Mesmo com leis proibicionistas e as dificuldades para serem inseridas no futsal e também no futebol, esse espaço pode ser ocupado para empoderar as mulheres. (PISANI, 2014).

Tainá, conta sua história de quando tentou jogar bola com meninos em uma quadra em Bauru, pediu para jogar e no início eles rejeitaram o seu pedido, foi então que ela respondeu com toda a sua bravura e descontentamento: “Eu dizia aqui é público, eu fico se eu quiser, é meu direito tá aqui se eu quiser porque isso aqui é público” (TAINÁ LACERDA). Os meninos acataram o pedido e deixaram ela jogar com eles, no final do jogo com o seu bom desempenho eles começaram a elogiar, foi, neste momento, que ela deu uma das respostas que julgo ser uma das mais impactantes dessa entrevista: “Falei que quando você pega um livro, tudo rasgado por fora mas por dentro tem uma história boa, cê acha que o livro vai ser ruim? Foi isso que eu disse pra eles, aí eles começaram a pedir desculpas” (TAINÁ LACERDA).

E quantas histórias boas todas essas meninas não tem ou não teriam se não fossem vítimas de proibição, xingamentos e preconceitos? Quando são chamadas de sexo frágil, fica a pergunta: frágil em qual sentido? Pois ter a grandeza de pedir para jogar bola em um espaço que somente se encontram meninos já é algo difícil de acontecer e rejeitarem o seu pedido e usar contra argumentos para ser aceita

também não é algo fácil. Jogar bem e ainda por cima receber elogios é algo que somente mulheres fortes realizam, elas são mulheres fortes, de frágil não tem nada.

.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As três categorias apresentadas se articulam e dialogam entre si nesta análise acerca das experiências de estudantes com a ACD de futsal feminino.

Uma primeira influência das relações de gênero que observamos é com relação a referência masculina predominar na primeira experiência das meninas com o futsal, seja jogando com seus primos, com irmãos, com os seus respectivos parentes. Elas acabam sendo incentivadas pelos pais que apresentam a modalidade e acabam as instigando a se interessar por este desporto, tornando apaixonadas.

Mas com o passar do tempo as relações vão sofrendo algumas transformações, as rotinas de trabalho dos pais, por exemplo acaba gerando um afastamento familiar. O pai se apresenta inicialmente mas depois se torna ausente e, na grande maioria das vezes, a mãe acaba possuindo um maior contato com a filha. É neste momento que aparecem grandes tensões sobre a relação mulher-futsal

As falas de preconceito ou proibições acabam sendo da própria família e sendo ela da representatividade feminina, mãe ou avó. Tais construções culturais envolvem experiências com o passado e o contexto político, econômico, social e cultural que se encontravam. Estas pessoas viveram no final do século XX, neste momento, não somente o futsal vive com uma forte predominância masculina mas a sociedade como um todo, pois o machismo, patriarcado e o conservadorismo eram as principais características. Isso ainda predomina nos dias atuais. Esse contexto histórico relacionado com as suas experiências é o resultado do momento presente, podendo sanar algumas dúvidas e compreender situações, isso facilita o exercício de interpretar porque as mães possuem receios de suas filhas jogarem futsal, utilizando argumentos como “futebol é pra menino” e achando que por jogarem vão virar sapatão, como elas mesmo classificam por terem tido as mesmas experiências e acabam reproduzindo as mesmas.

O preconceito apareceu com força na escola, nas aulas de educação física quando o conteúdo futsal é ensinado, mostrando que a escola também reproduz os

problemas sociais. O preconceito aparece também na rua, com desconhecido fazendo comentários preconceituosos, como vivenciado pela aluna Tainá. De maneira geral, o preconceito pela mulher jogar futsal, seja ele velado ou não, seja com atleta de alto rendimento ou com aluna de ACD em uma Escola da Rede Pública, ainda existe, isso ficou claro e comprovado na fala das alunas que entrevistei, sofreram e continuam sofrendo preconceito de gênero e até racial.

O preconceito no futsal é um reflexo de nossa sociedade atual, o alvo não é somente quem joga. Kátia Rubio, em uma entrevista audiovisual pondera, dizendo que: “é necessário ampliar o foco de discussão e ver que esse problema é cultural, o esporte não se desvincula das questões sociais maiores, ele precisa ser visto nessa relação e a discussão de gênero no Brasil ela ainda engatinha” (RUBIO, 2019)”. Fica claro que o problema não é a modalidade, mas sim a sociedade, o espaço que a mulher ocupa na sociedade. Aí entra uma estratégia para ao menos tentar diminuir as questões de preconceito de gênero, o posicionamento social que o esporte e o futsal e futebol possuem. Há um poder para levantar essa bandeira por igualdade e direitos feminino sendo uma ferramenta pedagógica de bastante impacto, de crítica e de mudança social. Para isso é preciso que ele seja reconfigurado tanto no sentido escolar quanto no alto nível.

A resiliência acaba aparecendo como característica das entrevistadas, isso faz com que elas permaneçam na prática do futsal, pois para elas jogar nunca foi uma tarefa fácil, mesmo as que são consideradas como mais habilidosas sofrem determinado tipo de preconceito. Isso acaba construindo uma relação de causa e consequência, pois a resiliência é uma consequência do preconceito que seria a causa. Portanto, é necessário para que haja permanência mais que técnica, é necessário resiliência. (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016).

Sendo assim, como futuro professor de educação física acredito que está crescendo o número de meninas praticantes de futsal, elas estão buscando espaços para jogarem. As ACDs de futsal acabam sendo uma oportunidade para elas desfrutarem da prática. Acredito, que utilizar a própria ACD como uma ferramenta pedagógica para mobilizar a prática do futsal feminino e o ambiente esportivo

feminino pode fazer significativa diferença nesse processo de transformação social. Isso poderia ser uma estratégia para problematizar o preconceito de gênero, essa questão social e cultural que atravessou e continua atravessando momentos políticos e históricos.

Mesmo as ACDs existirem há algum tempo, são poucos trabalhos a respeito e o campo de exploração são múltiplos. Espero que com esse estudo mais pessoas se interessem pela temática para que possamos melhor compreendê-lo.

Embora muito trabalhosa, esta pesquisa possibilitou várias questões, mas classifico duas que julgo serem as mais relevantes: como pesquisador me ampliou horizontes e trouxe ideias para trabalhos futuros, como pessoa, no momento das entrevistas, estar em uma sala e ouvir uma a uma relatando suas experiências com o futsal, foi impossível não se emocionar. Os registros foram muito impactantes. Quando o cansaço aparecia, me lembrava das histórias dessas alunas, e isso acabava sendo uma alavanca para dar continuidade ao estudo.

Todo esse processo me proporcionou novas amizades que se mencioná-las acabarei me esquecendo de um ou outro, mas serei eternamente grato por todos que cruzaram meu caminho. Proporcionou-me também momentos de alegrias, as alunas da ACD de futsal nos Jogos Escolares do Estado de São Paulo desse ano foram campeãs na região de Bauru, foi muito legal ver a felicidade de todas, acompanhá-las e presenciar de pertinho os bastidores, o dia-a-dia nas aulas de ACD. Senti-me muito acolhido pelas alunas e pelo professor, pois sempre me incentivava a ir para os jogos, quando foram pra segunda fase, me fizeram o convite para estar junto, me acolheram e me fizeram sentir especial.

Tenho a sensação de dever cumprido e de estar contribuindo para uma área bastante importante: o futsal praticado por mulheres sobre uma perspectiva de gênero.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. Atividades físicas e esportivas e Mulher no Brasil. Movimento é vida: Atividades físicas e esportivas para todas as pessoas, 2017. Disponível em: <<http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Fi%CC%81sicas-e-Esportivas-e-Ge%CC%82nero.pdf>>; Acesso em: 15 set. de 2019.
- ALTMANN, H. **Educação Física Escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.
- ALTMANN, H; REIS, H. H. B. dos. **Futsal feminino na América do Sul**: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. Movimento. Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 211-232, jul/set 2013
- BARBIERI, F. A. **Conhecimentos teóricos-práticos para o ensino e o treinamento**. 1 ed. Jundiaí: Fontoura, 2009.
- BASTOS, P. V.; NAVARRO, A. C. O futsal feminino escolar. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. São Paulo, v.1, n.2, p. 144-162. Maio/Junho/Julho/Agosto. 2009.
- BOGDAN, R. C. e BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BONFIM, A. Contra ataque: as mulheres do futebol. Museu do futebol. São Paulo. 2019. Disponível em: <<http://contraataque.museudofutebol.org.br/as-cartas/>>. Acesso em: 24 set 2019.
- CEVA, A. et al. **Mulheres no Esporte**: mulheres em campo driblando preconceitos. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Brasília, Ano IV, nº 6 p. 19-23, Dez. 2014.

CIDADE, R. E; ROCHA, M, B, F. **A mulher e o esporte:** o processo civilizador e o envolvimento feminino nos esportes. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anas8/artigos/RuthEugeniaCidade.pdf>>; Acesso em: 26 set 2019

ENTRE VISTAS. 2019. 1 vídeo (58 minutos). Publicado pelo canal Rede TVT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hfBm_xlfi44>. Acesso em: 26 set 2019.

FERREIRA, M.O.V. Docentes, representações sobre relações de gênero e conseqüências sobre o cotidiano escolar. *In*: SOARES, G. F.; SILVA, M. R. S. D.; RIBEIRO, P.R.C. **Corpo, gênero e sexualidade:** problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006.

GOELLNER, S.V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** Cadernos de Formação RBCE, p. 71-83, mar 2010.

GOELLNER, S.V. **Mulher e esporte no Brasil:** entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a Prática. p. 85-100, jan/jun 2005.

GOELLNER, S.V. **Mulheres e futebol no Brasil:** entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr/jun 2005.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

JORAS, P. **Relações de gênero e futsal praticado por meninas na escola.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis, p. 01-10. 2013. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/11340538-Relacoes-de-genero-e-futsal-praticado-por-meninas-na-escola.html>>. Acesso em: 20 out 2001.

JÚNIOR, O.M.S.; DARIDO, S.C.; **Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de Educação Física.** Motriz, Rio Claro, v.9, n.3, p. 143-151, set/dez 2003. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n3/09JOS.pdf>>. Acesso em: 10 abril 2019

MACHADO, A. A.; MOURA, T. **Futsal na educação física escolar: olhares para o gênero.** Disponível em: <<https://slidex.tips/download/futsal-na-educao-fisica-escolar-olhares-para-o-genero-thalita-moura-afonso-anto>>. Acesso em: 19 out. 2019 Rio Claro

MARIA Lenk: A Essência do Espírito Olímpico. Direção de Iberê Carvalho. Produção de Renato Marques. Produtora: Vila Olímpica. Pavirada Filmes/ Casa 30. 2012. Documentário. Disponível em: <http://www.espn.com.br/video/593173_assista-na-integra-ao-documentario-maria-lenk-a-essencia-do-espirito-olimpico>. Acesso em: 10 maio 2019

MATTOS, M. Z. **Corpos Generificados:** os artefatos culturais e os discursos produzidos sobre gênero. Florianópolis. 2012. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1370966350_ARQUIVO_fazendogenerosetembro.pdf>. Acesso em: 19 out 2019.

MELO, G. F.; RUBIO, K. **Mulheres atletas olímpicas:** início e final de carreira por modalidade esportiva. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. v. 25, n. 4 p. 104-116, 2017.

MORAES, Adriano Gomes de. **O ensino dos esportes coletivos nas atividades curriculares desportivas**: a questão metodológica e expectativa dos professores e alunos. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação física)-Faculdade de ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2017.

MULHERES OLÍMPICAS. Direção e Roteiro de Lays Bodansky. Produção de Lays Bodansky e Luiz Bolognesi, 2013. Documentário. Disponível em: <http://www.espn.com.br/video/583320_mulheres-olimpicas-assista-ao-documentario-na-integra>. Acesso em: 10 maio 2019

NEGRINE, A. Instrumentos de Coleta de Informações na Pesquisa Qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS/ Sulina, 1999, p. 61-93.

OLIVEIRA, C. S. **Mulheres em quadra**: o futsal feminino fora do armário. 2008. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação física)-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

OLIVEIRA G; CHEREM E.H.L; TUBINO M.J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. Revista Brasileira Ciência e Movimento, v. 16, n. 2, p. 125-133.

PEREIRA, C. M. e S.; ANTUNES, A. C. **Trajetória do futsal feminino no Brasil**: um caminho repleto de obstáculos. Florianópolis, 2017, p. 1-22

PEREIRA, E. C. R.; FONSECA, Z. V. D. **Futsal feminino x preconceito**: como anda o placar dessa partida?. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/15599037-Futsal-feminino-x-preconceito-como-anda-o-placar-dessa-partida.html>>. Acesso em: 19 out 2019.

PISANI, M. da S. **Futebol Feminino**: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe**. abr 2019.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. **“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento**: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, p. 303-311, abr/jun 2016

SANTANA, G. J.; FREITAS, L. S. **Inserção da mulher no futsal**. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação física)-Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação física e desporto, Vitória, 2015.

SANTANA, W.C.; REIS, H.H.B. **Futsal feminino**: perfil e implicações pedagógicas. Revista Brasileira Ciência e Movimento. 2003; 11(4): 45-50

SÃO PAULO. Diário Oficial Poder Executivo. **Resolução SE nº 4**, de 15 de janeiro de 2016. Gabinete do secretário. São Paulo. Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/1103.pdf>>. Acesso em: 16 out 2019.

SIQUEIRA, T. **Tematizando o futsal feminino nas aulas de educação física**: quando as diferenças vão além da quadra. Disponível em: <http://www2.fe.usp.br/~gpef/teses/thales_01.pdf>. Acesso em: 15 out 2019

UCHOGA, L. A. R, ALTMANN, H. **Educação física escolar e as relações de gênero**: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, p. 163-70, 2016.

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: "É MAIS DIFÍCIL SER MENINA": UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES COM O FUTSAL FEMININO NO CONTEXTO ESCOLAR. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a instituição. O objetivo central desta pesquisa consiste em analisar a participação das estudantes do gênero feminino nas Atividades Curriculares Desportivas (ACD's) e compreender as suas motivações. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder autorização para registro e publicação das observações em diários de campo, filmagens, fotografias, ilustrações, cadernos de registros, questionários e entrevistas. Salientamos que todos os dados obtidos serão divulgados em meio exclusivamente acadêmico-científico e seu nome, bem como da instituição a qual pertence, serão mantidos em sigilo. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os contatos dos pesquisadores, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou até a conclusão do mesmo.

BRUNO DE SALES VIEIRA

(Tel.: (14) 997699013 / e-mail: bruno_salesvi@outlook.com / aluno do curso de Licenciatura em Educação Física DEF/Unesp-Bauru)

Profa. Dra. Denise Aparecida Corrêa (ORIENTADORA)

(Tel.: (14) 3103-6082 – R: 9435 / e-mail: decorrea@fc.unesp.br / professora do DEF/Unesp - Bauru)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____ / ____ / ____ .

Nome do Sujeito da Pesquisa: _____

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

Pai, Mãe ou Responsável do Sujeito da Pesquisa (quando menor de 18 anos): _____

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

ANEXO 2 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
 Campus de Bauru



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a para participar do trabalho “Ê MAIS DIFÍCIL SER MENINA”: UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES COM O FUTSAL FEMININO NO CONTEXTO ESCOLAR. Seus pais (ou responsáveis) permitiram que você participasse!

O presente estudo tem por objetivo analisar a participação das estudantes do gênero feminino nas Atividades Curriculares Desportivas (ACD's) e compreender as suas motivações.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

As aulas ocorrerão normalmente, porém poderá haver uma dinâmica diferente durante as aulas para que o estudante/pesquisador realize as observações, bem como, para que as entrevistas possam acontecer.

Sua participação consistirá em conceder entrevistas e autorizar a utilização das mesmas, bem como, das observações em diários de campo, das gravações em áudio das rodas de conversa e das entrevistas, das fotografias; dos próprios registros produzidos pelos/as participantes, tais como desenhos, fotografias, textos e congêneres. Todos os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, possibilitando a divulgação dos resultados desta pesquisa em congressos, palestras e outros eventos científicos. O risco com sua participação é de eventual constrangimento pela situação de registro de imagens, de gravações em áudio de entrevistas ou de observações em diários campo, mas todos os cuidados estão sendo tomados para evitá-los, tais como a solicitação prévia de autorização e retirada de imagens e/ou declarações por você indicados.

Salientamos que poderá haver benefícios para o desenvolvimento de novas metodologias de trabalho pedagógico com o gênero feminino no esporte, trazendo subsídios e discussões, inclusive aprimorando processo de ensino e aprendizagem em contexto de inclusão do gênero feminino no esporte no âmbito escolar

Caso venha a sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar pelo pesquisador Bruno de Sales Vieira, sob a orientação da Profa. Dra. Denise Aparecida Corrêa, pessoalmente ou pelo telefone (14) 997699013.

Seu nome não será revelado e nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa.

Eu _____ aceito participar do trabalho: “Ê MAIS DIFÍCIL SER MENINA”: UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES COM O FUTSAL FEMININO NO CONTEXTO ESCOLAR.

 Assinatura do menor

 Assinatura do estudante/pesquisador

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA DELINEAMENTO DO PERFIL DAS PARTICIPANTES

Nome:

Idade:

Nome fictício: (um nome que você se sinta à vontade para colocar no trabalho, pode ser o seu nome, um apelido ou um outro nome):

Estuda em qual ano?

Com quem mora? ☐ Com os pais
☐ Somente com o pai ou a mãe
☐ Avós
☐ Outros:

Autodeclaração racial: ☐ branco
☐ negro
☐ pardo
☐ indígena

1- Há quanto tempo pratica futsal?

2- Há quanto tempo participa da turma de ACD de futsal?

3- Você pratica futsal fora da Escola? Onde?

APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTA

- 1) Como você começou a gostar de futsal?
- 2) Por que você pratica as ACD's de futsal?
- 3) Você se sente motivada e estimulada por sua família a praticar ACD de futsal?
- 4) Onde você encontra mais apoio para praticar ACD de futsal?
- 5) Quais as dificuldades que você sente?
- 6) Você já sofreu algum preconceito por jogar futsal? Já viu alguma menina sofrendo preconceito? Realizado por quem e como você se sentiu?